

PUEBLA

A MISSÃO DESDE A POBREZA

Rafael Lopez Villasenor
rafamx65@gmail.com

RESUMO: O texto é uma reflexão da III Conferência do CELAM de Puebla sob o olhar da missão, a partir da opção preferencial pelos pobres e da religiosidade popular. O período do evento foi época das grandes utopias e do nascimento da teologia da libertação, que aproximou a fé com a vida, como caminho para vivência do cristianismo; a opção pelos pobres foi uma das formas para superar as injustiças. O documento de Puebla é eminentemente pastoral, fonte de inspiração para a caminhada da Igreja do Continente, inclusive tentando preencher as lacunas da missão nas Igrejas particulares. Abre pistas, ilumina, denuncia e anuncia, incita à criatividade, ao potencial evangelizador dos pobres, valoriza a religião popular, enfim a partir destas premissas tentamos fazer nossa reflexão neste artigo.

ABSTRACT: This text is a reflection of the III Conference of CELAM of Puebla under the eyes of the mission, starting from the preferential option for the poor and popular religiosity. The period of the event was a time of great utopias and the birth of liberation theology, which brought faith and life closer as a way to experience Christianity; the option for the poor was one way to overcome injustice. The document of Puebla is eminently pastoral, a source of inspiration for the journey of the Church of the Continent, including trying to fill the gaps of the mission in the particular Churches. It opens clues, illuminates, denounces and announces, incites creativity, the evangelizing potential of the poor, values popular religion, and finality from these premises we try to make our reflection in this article.

INTRODUÇÃO

Historicamente desde a época da conquista, América Latina recebeu muitos missionários, vindos na sua maioria da Europa, mas não aprendeu a ser missionária. A missão aconteceu junto

com o projeto colonial, com uma teologia colonial que o justificou e legitimou o sistema da época. O sistema da conquista da terra, implicou o controle da subjetividade, da cultura e da religião dos povos colonizados. Os dominados foram obrigados a abandonar, sob repressão, as práticas de relação com o próprio sagrado ou realizá-las de forma clandestina (SILVA, 2010, p. 78). Era um modelo de transposição de instituições, símbolos, conceitos e costumes morais da cultura cristã europeia. Sabemos que a missão e o colonialismo estiveram profundamente relacionados.

Até finais do século XX, esteve ausente qualquer tipo de reflexão teológica sobre a missão, em especial *ad gentes*. Poucas vezes, ou nunca se falava de maneira clara e enfática da vocação missionária universal da Igreja particular. Este silêncio missionário se manifestou da mesma forma, na teologia da libertação, por estar mais preocupada com a reflexão e compromisso utópico da transformação de injustiça da América Latina, avaliado urgente, era necessário reunir as forças para enfrentar o desafio da opressão. Contudo a Conferência de Puebla começa a refletir, pela primeira vez, sobre a missão universal, a partir da realidade de pobreza e opressão do Continente.

O artigo tem como finalidade aprofundar a missão a partir da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizada de Puebla, México analisando três temas fundamentais que aparecem no documento final (DP): a missão desde a pobreza, a opção preferencial pelos pobres e finalmente a religiosidade popular como parte da missão eclesial da América Latina.

O CONTEXTO DA CONFERÊNCIA

Após a II Conferência Geral do Episcopado da América Latina (CELAM), celebrada em Medellín em 1968, progressivamente nasceu a ideia da possibilidade de propor ao Santo Padre Paulo VI a convocação de uma nova Conferência. Depois ter realizado às relativas consultas e com o acolhimento positivo da parte do Papa, se começou a estudar um tema possível e eficaz para

a Igreja no Continente. A preparação da III Conferência se deu a partir do acolhimento da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Inclusive, a grande maioria dos participantes no Sínodo (1974) estiveram presentes em Puebla. Os tempos pós Vaticano II amadureceram e a preparação foi confiada ao CELAM, com a convocação de Paulo VI em 12 de dezembro de 1977.

A III Conferência Geral aconteceu na cidade de Puebla (México), entre 28 de janeiro e 12 de fevereiro de 1979. O tema proposto foi: “A evangelização no presente e no futuro da América Latina”. A data original deveria ser de 12 a 18 de outubro de 1978, mas com a morte de Paulo VI e de João Paulo I, assim como a eleição de João Paulo II uns dias antes da data proposta, a Conferência foi adiada para início do próximo ano. O novo Papa se fez presente na abertura dos trabalhos, como tinha feito Paulo VI em Medellín.

A Conferência de Puebla usou o método “ver, julgar e agir”, assumindo novos compromissos sob a inspiração da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), de Paulo VI, publicada no décimo ano do aniversário do Concílio Vaticano II. A EN retomou o tema da Evangelização como desafio contínuo para os cristãos batizados, que serviu de base para Puebla. Está claro que a Exortação teve influência decisiva em Puebla, como a *Populorum Progressio* (PP) teve em Medellín. A semelhança entre EN e Puebla aparece visivelmente quando são comparados os títulos dos capítulos: Cristo, Igreja, o que é evangelizar, conteúdo da evangelização, meios, agentes da evangelização.

Entre a Conferência de Medellín (1968) e de Puebla (1979), algo de muito peculiar aconteceu no nosso continente. Por um lado, tanto o Brasil como na maioria dos países Latino-americanos viviam quase duas décadas de ditaduras sangrentas, com milhares de desaparecidos, torturados e mortos, assim como uma multidão de exilados políticos. Também a situação de pobreza e miséria, material e humana, era clamorosa. Por outro lado, como sementeiras de profetas e profetizas, cercadas de martírios, cheias de esperança, surgiam as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

“As Comunidades Eclesiais de Base são expressão de amor preferencial da Igreja pelo povo simples; nelas se expressa, valoriza e purifica sua religiosidade e se lhe oferece possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo” (DP 643).

O período de Medellín a Puebla é à época das grandes utopias e do nascimento da teologia da libertação, reflexão teológica latino-americana, que trabalha a partir dos pontos de Medellín: a aproximação fé-vida como caminho para viver o cristianismo; o compromisso com os pobres, por meio das comunidades de base; a releitura dos conteúdos da teologia, privilegiando os pobres; a ação política como forma para superar as injustiças sociais. Essa maneira de fazer teologia vai se sistematizando e explica os caminhos pastorais trilhados pela Igreja latino-americana na época e aponta para os compromissos assumidos em Puebla. Na verdade, é esse pensamento que conduz a Igreja da América Latina de Medellín a Puebla (MANZATO, 2006, p. 3-8).

Ao mesmo tempo entre Medellín e Puebla se passava pelo agravamento da situação sociopolítica da maioria dos países e das políticas econômicas que fizeram aumentar o número dos empobrecidos com o crescimento das injustiças sociais. Nesta conjuntura, a Igreja Católica, devido à renovação do Concílio e à profética posição em favor dos pobres, presentes em Medellín, passou a representar uma das poucas ou únicas organizações capazes de se colocar contrária à ordem estabelecida. Ao mesmo tempo, a Teologia da Libertação reconstruía um dos conceitos fundamentais em Puebla. Resgatava-se o termo “pobre” do conceito bíblico do Antigo Testamento.

A voz de Puebla tem como efeito fazer concretas as palavras do Evangelho na história. Tocar os pontos concretos, julgar as situações conflituosas, orientar os cristãos na realidade de cada dia. Por isso, o clamor de Medellín e Puebla é, em si mesmo, conflitivo. As encíclicas pontifícias, contudo, dificilmente provocam conflitos; enunciam verdades tão universais que ninguém se sente atingido. A Conferência mostrou visivelmente que as propostas

de Medellín tinham sido frutíferas. Tanto Medellín como Puebla foram a tomada de consciência e a afirmação da personalidade própria da Igreja latino-americana. Em outras palavras, foram os atos de emancipação, da chegada à idade adulta da Igreja latino-americana (COMBLIN, 1999, p. 201-222).

O Papa João Paulo II visitando o Continente, nos discursos falava para todos e para ninguém, no sentido que as palavras são interpretadas por todos como parte da confirmação da própria posição (COMBLIN, 1999, p. 213). Apesar disso, o documento de Puebla fala de realidades concretas, de situações determinadas e bem conhecidas no continente. Puebla acabou sendo a confirmação, atualização e aplicação de Medellín, trata-se de uma ratificação ou aprofundamento das posições na linha teológico-pastoral. O progresso se fez pois, não tanto para frente, em termos de novas posições, mas na reafirmação de uma caminhada eclesial.

No documento final aparece uma Igreja engajada e preocupada com o povo, com os desafios que devem e estão sendo assumidos. “Comunhão e participação” é a expressão utilizada em Puebla para definir o método da ação evangelizadora. Entretanto o que mais marcou a Conferência foi a coragem de expressar a necessidade de fazer opções preferenciais. Portanto, é feita a opção preferencial pelos pobres (DP 1134-1140) e a opção preferencial pelos jovens (DP 1166-1205), expressas na Conferência, que impulsionaram a ação eclesial em seu engajamento social, político e econômico. Entretanto, a opção preferencial pelos pobres no documento marca e polariza o processo de evangelização da Igreja, embora a Conferência fez diversas opções pastorais (ADAMI, 1980, p. 23-56). Enfim, as grandes opções tomadas em Medellín, que marcaram a vida pastoral do Continente nas últimas décadas, reaparecem em Puebla ainda mais reforçadas (LIBÂNIO, 1979).

O documento de Puebla se desdobra em cinco partes: visão pastoral da realidade da América Latina; desígnio de Deus sobre a América Latina; a evangelização na Igreja da América Latina: comunhão e participação; a Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina; opções pastorais. A estrutura se de-

envolve segundo o método teológico-pastoral de ver a realidade analiticamente, julgá-la com os critérios da fé e agir pastoralmente para transformá-la.

Puebla não é um tratado de teologia, nem um discurso sistemático e metódico sobre a compreensão da fé, não é um documento de natureza jurídica, destinado a traçar uma conduta obrigatória e devida. Trata-se de um documento pastoral e catequético, que pretende ser fonte de inspiração para a caminhada da Igreja do continente. Abre pistas, ilumina, denuncia e anuncia, mas principalmente incita à criatividade e à continuidade (SANTOS, 1980).

A MISSÃO A PARTIR DE PUEBLA

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano tentou preencher os vazios que Medellín deixou no âmbito da missão (DONEGANA, 2006). No decênio percorrido entre os dois eventos houve na América Latina, um processo de aprofundamento, reflexão (GORSKI, 1985) e consciência missionária (1). Como foi dito anteriormente, a Igreja poucos anos antes (1974) tinha celebrado o Sínodo sobre a evangelização, tendo como fruto a Exortação Apostólica, a *Evangelii Nuntiandi*, do papa Paulo VI (1975). A influência da exortação na Conferência foi determinante, começando com o título da Conferência: “A Evangelização no presente e no futuro da América Latina”, esse contexto favoreceu a reflexão missionária. Portanto, as reflexões de questão pastoral e missionária são a maior riqueza de Puebla (BOFF, 1979, p. 48).

O documento de Puebla começa lembrando que no início, a grande labor missionária no Continente foi realizada por muitos missionários no processo de Evangelização e que na época da conquista foi confundida a missão com a conquista colonizadora (DP 4-15), feita por meio de “uma imensa legião missionária de bispos, religiosos e leigos” (DP 7), anunciadores do Evangelho e defensores dos direitos e da dignidade dos povos indígenas, “intré-

pidos lutadores em prol da justiça e evangelizadores da paz” (DP 8). Os bispos não apresentam uma visão triunfalista da missão, porque reconhecem também, que a rica experiência missionária aconteceu no Contente entre as luzes e as trevas (DP 13), inclusive, teve que acontecer suportando o peso dos desfalecimentos, das alianças com os poderes da terra, da missão colonizadora, entretanto, “a evangelização que transforma a América Latina no ‘Continente da Esperança’ tem sido muito mais poderosa do que as sombras que lamentavelmente a acompanharam no interior do contexto histórico onde lhe coube viver” (DP 10).

Também, o documento de Puebla retoma a missão como parte da evangelização e da libertação, que o documento de Medellín havia esboçado e lhe dá uma profunda motivação:

Como pastores da América Latina, temos razões gravíssimas para urgir a evangelização libertadora, não só porque é necessário recordar o pecado individual e social, mas também porque, de Medellín para cá, a situação se agravou na maioria de nossos países (DP 487).

Não é concebida a missão e a evangelização de modo abstrato, mas a partir da situação concreta dos homens e das mulheres do continente, no período histórico de opressão que estão vivendo (DONEGANA, 2006, p. 47). Como consequência, a missão é realizada por uma Igreja marcada pela opção preferencial pelos pobres: “Os pobres são os primeiros destinatários da missão e sua evangelização é o sinal e prova por excelência da missão de Jesus” (DP 1142). Mas os pobres no processo missionário de libertação não são apenas destinatários do Evangelho, eles são também os protagonistas na missão:

O compromisso com os pobres e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão e pelo muito que eles realizam na sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus (DP 1147).

É neste contexto que o documento dá sentido à ação missio-

nária *ad gentes* que se dá de pobre para pobre, a partir da realidade dos nossos povos:

Finalmente chegou para a América Latina a hora de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares e de estas se projetarem por certo que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza. Por um lado, nossas Igrejas podem oferecer algo de original e importante; o seu sentido de salvação e libertação, a riqueza de sua religiosidade popular, a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, a floração de seus ministérios, sua esperança e a alegria de sua fé. Já se realizaram esforços missionários que se podem aprofundar e se devem ampliar (DP 368).

América latina é chamada a realizar a missão desde a pobreza, saindo para as outras culturas e povos. A missão *ad gentes* não é uma questão quantitativa, supérflua, de uma Igreja rica em pessoal e meios materiais para uma pobre, porém é o elemento essencial da vida da Igreja, entretanto, ela é missão e faz parte essencial da própria vocação, sendo fiel ao mandato missionário de Cristo, independentemente de ser “rica” ou “pobre”.

Puebla reconhece que chegou a hora de realizar a missão, de uma maneira diferente da tradicional da época moderna e do primeiro mundo, isto é, a partir das Igrejas ricas em pessoal e recursos, muitas vezes ligada à ação expansionista colonizadora dos países de origem do missionário (DONEGANA, 2006, p. 47). Agora, as Igrejas da América Latina são chamadas para a missão além-fronteiras, de pobre para os pobres, a partir dos pobres e desde a pobreza. Em outras palavras, se trata de outro estilo missionário, sem muitos recursos, sem colonialismos, sem resquícios de dominação cultural, política ou econômica. Essa missão tem como riqueza a religiosidade popular, as Comunidades Eclesiais de Base, com a abundância de elementos religiosos positivos, sendo a originalidade missionária, que o povo Latino-americano oferece para outras culturas.

Inclusive, os bispos em Puebla lançaram as comunidades eclesial de base para a missão universal (DP 107), abrindo os horizon-

tes eclesiais que, com Medellín, ainda estavam fechados sobre a problemática continental. Também, Puebla apresentou em vários textos a preocupação pela missão universal (DP 637; 647; 667; 702). “A Igreja particular dará maior relevo a seu caráter missionário e à comunhão eclesial, partilhando valores e experiências, bem como favorecendo o intercâmbio de pessoas e bens” (DP 655).

Puebla dá espaço ao tema da cultura no processo da missão e da evangelização (DP 385-443). Porém, ainda não se fala do paradigma da inculturação do Evangelho. Entretanto a Igreja precisa conhecer a cultura da América Latina não só cientificamente, mas com a compreensão afetiva da realidade cultural dos povos autóctones. No encontro da fé com as culturas, deve-se assumir e levar ao amadurecimento as “sementes do Verbo” através de um processo de adaptação, que, “pela evangelização, a Igreja procura que as culturas se renovem, se elevem e se aperfeiçoem pela presença do Ressuscitado, centro da história, e do seu Espírito” (DP 407).

Por sua vez, o documento de Aparecida apresenta a exigência compromisso missionário de toda a comunidade e de todo cristão, sendo discípulos missionários. Todos devem ser “testemunhas e missionários” (DAp 548). O texto apresenta o tópico da renovação da paróquia, com uma nova atitude dos párocos, que devem viver num constante anseio de buscar os católicos e não se contentar com a simples administração (DAp 201). A Igreja não quer ficar apenas em Aparecida voltada para si mesma, *ad intra*, mas estar também presente nas decisões do mundo, *ad extra* na missão *ad gentes* (DAp 371-378). Porque a fé se fortalece quando é transmitida (DAp, 379).

MISSÃO E OPÇÃO PELOS POBRES

A opção pelos pobres é parte essencial da missão evangelizadora, é a marca de Puebla e tem despertado, a partir do Vaticano II e, de modo especial, nas Conferências de Medellín e de Puebla existe uma intensa discussão envolta de muitas tensões, incompreensões e tentativas de amortecer suas implicações práti-

cas. Nesse sentido, de forma genérica, a missão como opção pelos pobres já está implícita no Vaticano II, sobretudo na *Gaudium et Spes* (GS 26). Falar de “opção” significa decisão, tomada de partido, um partido missionário evangelizador. Fazer opção pelos pobres implica mudança de lugar social. O lugar que determina o discernimento e a missão, pois a Igreja é dos pobres e não apenas para os pobres (BOFF, 1979, p. 61). Qualquer plano de pastoral supõe, como ponto de partida, o questionamento sobre o lugar social daqueles que vão elaborá-lo. A opção preferencial pelos pobres é, no documento, o ângulo, através do qual os bispos fazem a leitura da realidade latino-americana, abrem pistas, questionam, denunciam e anunciam. Eles são sujeitos portadores do Evangelho (DP 911).

Missão e opção preferencial pelos pobres é o eixo articulador de Puebla. “Eles são os primeiros destinatários da missão” (DP 1142). Puebla procura continuar o processo de valorizar o método teológico e pastoral, fazendo-se presente na vida dos pobres e na sua resistência, mesmo tentando minimizar a expressão “opção pelos pobres” usada em Medellín. Embora esse tema seja objeto do primeiro capítulo da quarta parte (DP 1134-1165), no entanto é a alma de todo o documento (DP 382; 707; 733; 769; 1217). É surpreendente a conversão episcopal pelos pobres e pelo povo (BOFF, 1979, p. 47).

Puebla usa os termos “opção preferencial pelos pobres”, “amor aos pobres”, “opção evangélica, universal, piedosa”, sendo “as CEBs expressão da opção preferencial da Igreja pelo povo simples” (DP 643), tentando agradar ao grupo de bispos que questionavam as opções da eclesiais da América Latina. A opção pelos pobres, afirmada em Medellín é renovada em Puebla, no seu sentido de libertar das causas e das estruturas sociais, que estão na origem da pobreza (LIBÂNIO, 1979). A missão como opção é a alma da Igreja no continente que, por sua vez, o documento de Aparecida, seguindo a tradição das Conferências anteriores, reafirma a opção preferencial pelos pobres (DAp 391-398), como tarefa essencial da evangelização, que inclui a “opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica liber-

tação cristã” (DAP 146). De fato, a opção pelos pobres ganhou força em Medellín, sendo reafirmada nas últimas Conferências, após a constatação dos bispos de que a América Latina vive numa situação de injustiça institucionalizada.

Os bispos reunidos em Puebla reconhecem que existe uma brecha crescente entre ricos e pobres, como parte da situação de pecado e de escândalo, contrários à fé cristã:

Vemos, à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres. O luxo de alguns poucos se converte em insulto contra a miséria das grandes massas. Isto é contrário ao plano do Criador e à honra que lhe é devida. Nessa angústia e dor, a Igreja discerne uma situação de pecado, cuja gravidade é tanto maior quanto se dá em países que se dizem católicos (DP 28).

Entretanto, a análise da realidade constata essa brecha crescente entre ricos e pobres, que é produzida pela “apropriação, por uma minoria privilegiada, de grande parte da riqueza, assim como dos benefícios criados pela ciência e cultura” (DP 1208). Tais fatos são evidentes: “Ninguém pode negar a concentração da propriedade empresarial, rural e urbana em mãos de poucos... a concentração do poder pelas tecnocracias civis e militares ...” (DP 1263), tem aumentado a marginalização de grande parte da sociedade e a exploração dos pobres, “de Medellín para cá a situação se agravou na maioria de nossos países” (DP 487). “A imensa maioria de nossos irmãos continua vivendo em situação de pobreza e até miséria, que se veio agravando” (DP 1135), “situação de pobreza desumana ... mortalidade infantil, falta de moradia adequada, problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção” (DP 29).

A contradição e o escândalo surgem, quando numa sociedade que professa a fé no Deus da vida, que cria a humanidade a imagem e semelhança, como ser solidário, como sociedade de comunhão de pessoas, ocorre que a injustiça traz a ruptura da comunhão das pessoas, criando o contratemunho e a contradição. O escândalo existe, não porque a injustiça seja um episódio marginal repudiado

e corrigido, mas porque torna-se institucionalizado, impregnando as próprias leis e normas de convivência com o efeito do pecado social. Converte-se, muitas vezes, injustiça institucionalizada em nome de Deus, como defesa dos valores. Por isso os bispos sentem a necessidade de conhecer e denunciar os mecanismos geradores da pobreza (DP 1160; 1264) contrários ao Evangelho.

O documento, após descrever a escandalosa pobreza da América Latina, manifesta que é gerada pelo sistema capitalista (DP 47). Caracteriza-o como idolatria da riqueza, materialista e praticamente ateu (DP 312). Por isso, não receia denominá-lo “sistema de pecado” (DP 92), e a realidade por ele implantada, “injustiça institucionalizada” (DP 495). Portanto, os bispos não temem em afirmar que, na América Latina, “o melhor serviço ao irmão é a evangelização que o liberta das injustiças, o promove integralmente e o dispõe como filho de Deus” (DP 1145). A partir da opção preferencial pelos pobres, construir a civilização do amor, baseada na comunhão e na participação (DP 570; 588; 639; 1113; 1165). Puebla vê a necessidade de uma conversão de todos os cristãos e de toda a Igreja para a opção preferencial pelos pobres (BEOZZO, 1985, p. 39).

Ao compreenderem os bispos, que no rosto do pobre reconhecemos o rosto do Cristo sofredor, o Senhor que nos questiona e interpela, afirmam “a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (DP 1134). Portanto, a opção preferencial pelos pobres é uma das linhas mais marcantes em Puebla. Os pobres têm rostos bem concretos, são os indígenas e afro-americanos, camponeses, sem-terra, operários, desempregados e subempregados marginalizados e aglomerados urbanos, jovens frustrados socialmente e desorientados, crianças golpeadas pela pobreza, menores abandonados e carentes, a mulher. Os pobres têm as feições das crianças, “golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer”; dos jovens “desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade”; dos indígenas e afro-americanos “segregados”; dos camponeses, submetidos à exploração; dos operários, “que têm dificuldades em defender os próprios direitos”; dos desemprega-

dos; dos marginalizados e amontoados nas grandes cidades; dos anciãos, “postos à margem” por uma sociedade “que prescinde das pessoas que não produzem” (DP 31-39). Em outras palavras, a missão da Igreja está unida a dimensão da promoção humana e da justiça social, na transformação da sociedade.

A Conferência faz a opção preferencial pelos pobres, com base na análise dialética da realidade do continente que gera mecanismos causadores de pobreza (DP 1160); avaliada como uma realidade escandalosa da América Latina (DP 1154); causada pelos regimes de opressão no continente (DP 500). Os bispos foram profetas ao denunciarem o sistema sócio-político imperante no continente como sistema de pecado (DP 28; 92); ao condenarem o capitalismo liberal como idolatria (DP 403), como sistema de pecado (DP 48), ao combaterem a ideologia da segurança nacional (DP 408); como injustiça institucionalizada (DP 46). Trata-se de uma denúncia que toma o tom de indignação profética:

A distância entre ricos e pobres, a situação de ameaça que vivem os mais fracos, as injustiças, as postergações e sujeições indignas que sofre, contradizem radicalmente os valores de dignidade e de irmandade solidária (DP 452).

De fato, entre Medellín e Puebla a Igreja no continente mudou de lugar social, caminhou do centro para a periferia, sendo voz profética, assumindo a causa dos pobres e participando da paixão do povo, como parte da missão evangelizadora. Sentiu na própria carne o ferrão do opressor através das ditaduras em vários países no Continente, por isso o documento observa: “Os últimos dez anos na América Latina têm sido duros” (DP 266). Todavia, a opção de estar do lado dos oprimidos tem suas consequências, “a denúncia profética da Igreja e seus compromissos concretos com o pobre, trouxeram frequentes perseguições e vexames de vários tipos. Até os pobres têm sido as primeiras vítimas desses vexames” (DP 1138). O novo lugar social possibilitou à Igreja na América Latina assumir a missão profética de ser a consciência crítica da sociedade, chegando ao ponto de romper com o sistema político e económico implantado no continente.

MISSÃO E CATOLICISMO POPULAR

Puebla afirma a opção pelos pobres como parte do testemunho e da Evangelização, que passa pela religiosidade popular (2), que precisa ser evangelizada e catequizada adequadamente, porque a grande maioria foi batizada e vive um catolicismo popular debilitado (DP 461). A fé do povo está voltada para a vida cotidiana, com uma religiosidade prática, baseada nas promessas, na realização de festas e do culto aos santos, forma o “conjunto de crenças marcadas por Deus, como uma forma da existência cultural que a religião adota por meio do povo” (DP 444). Esta religiosidade está circunscrita na realidade do cotidiano que cria e recria a cultura popular, conferindo-lhe significado profundo. As pessoas constroem suas concepções sobre o mundo, sobre a fé, enfim sobre a vida de acordo com a realidade.

Embora na América Latina o Catolicismo durante muitos anos foi a “religião oficial” ligada ao poder dos governantes, o Catolicismo popular é visto, ainda com “suspeita” e “preocupação” com possíveis “anomalias”. Para evitar qualquer desvio o documento expõe as verdades da doutrina Católica (DP 1120). Os bispos pedem para que seja “purificado”, isto é, “Evangelizado”, inclusive, visto com ressalva por alguns prelados. Por isso, deve-se privilegiar “a promoção da dignidade do homem, a libertação de todas as servidões e idolatrias” (DP 344). A fé cristã é a principal formadora da cultura latino-americana, que comunicou o fundamento profundo da identidade cultural e religiosa, em Puebla os bispos propõem-se de continuar a obra de evangelização, de tal modo que os valores se consolidem assumindo os novos valores da civilização urbano-industrial, numa integração justa que não seja absorção (DP 428). Aparecida por sua vez, apresentou de forma mais positiva a religiosidade, ao dizer que, evangelizar ou purificar, não quer dizer que esteja privada de riqueza evangélica. Apenas que todos os membros do povo, reconhecendo o testemunho de Maria e também dos santos, procurem imitá-los cada dia mais (DAp 262).

Para Puebla “as Comunidades Eclesiais de Base são expressão de amor preferencial da Igreja pelo povo simples; nelas se expressa,

valoriza e purifica sua religiosidade e se lhe oferece possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo” (DP 643). Em Medellín a realidade das CEBs apenas despontava. Puebla assinala com alegria o fato auspicioso de que nesses últimos dez anos após Medellín as CEBs se tenham multiplicado, amadurecido e tornado focos de evangelização e motores de libertação e desenvolvimento (LIBÂNIO, 1979, p. 57).

A fé do povo se manifestava através das devoções e culto aos santos, das procissões, das orações de invocações e perdão, dos milagres. Predominam os aspectos devocionais e protetores. As manifestações religiosas têm uma liderança leiga, na “a redenção integral das culturas, antigas e novas, do Continente tendo em conta a religiosidade de nossos povos” (DP 343). Os valores da fé tornam-se, portanto, também valores culturais passando a fazer parte das concepções fundamentais e a expressar-se em linguagem e símbolos mutuados à fé pela cultura (ADAMI, 1980, p. 37).

O Continente é formado por vários catolicismos populares. Portanto, a fé católica é um elemento comum dos povos latino-americanos, formando uma base cultural e um alicerce tão relevante que praticamente lhe confere a identidade (ADAMI, 1980, p. 40). Em outras palavras o catolicismo popular conserva seus códigos próprios, suas metáforas e sua linguagem que lhe dão identidade ao povo (DP 412). O catolicismo se entrecruza com a vida: dor, alegria, esperança, problemas, anseios, festas, novenas e santos vão compondo o cenário do dia-a-dia. Impulsionado pelo mistério da vida, o indivíduo busca força na esperança do Deus da Vida. Num conjunto de ritmos, a devoção popular vivencia fatos concretos, temores, sonhos e crenças, que viram elementos consolidadores da vida.

O catolicismo faz parte da cultura que abrange também as expressões coletivas de valores, costumes, língua, instituições e estruturas de convivência social (DP 387). Cultura percebida como o complexo conjunto que inclui conhecimento, crença, arte, moral, costumes e todos os demais hábitos e aptidões adquiridos pelo homem, como membro de uma sociedade (ADAMI, 1980,

p. 34). Dentre os valores, o essencial da cultura é constituído pela atitude com que o povo afirma ou nega sua vinculação religiosa com Deus, pelos valores religiosos (DP 389). Na religiosidade o ser humano procura respostas às indagações das angústias metafísicas e transcendentais, respostas que orientam a sua existência. Portanto a religião popular constitui o fator determinante da cultura, é inspiradora das restantes ordens culturais: familiar, econômica, política, artística, enquanto as libera para a ordem transcendente ou as encerra em seu próprio conteúdo imanente (ADAMI, 1980, p. 30-31). Enfim, cada ser humano recebe uma cultura, modifica-a criativamente e continua a transmiti-la.

Puebla convida a “favorecer, reformular e assumir as expressões religiosas populares com participação de grandes massas pela força evangelizadora que possuem” (DP 467). Sabendo que “se a Igreja não reinterpretar a religião do povo latino-americano, se dará um vazio que será ocupado pelas seitas, pelos messianismos políticos secularizados ...” (DP 469). Por sua vez, o Documento de Aparecida também, dá atenção para a religiosidade popular. O papa Bento XVI no discurso de abertura da Conferência, a qualificou de “rica e profunda”, “o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina” que revela a alma dos povos latino-americanos (3).

Entretanto, Aparecida retoma Puebla, quando observa que, entre as virtudes da piedade popular estão os “valores de dignidade pessoal e de irmandade solidária”, a sua capacidade de congregar multidões e o potencial de converter-se em “clamor por uma verdadeira libertação” (DP 449; 452). Ela é vista como mística popular, com rico potencial de santidade e justiça social (DAp 279). Apesar das ambiguidades, a compreensão da piedade popular ganha reafirmações e avanços importantes. Ela é uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja, inclusive, uma forma de ser missionário. Ela é parte de uma “originalidade histórica cultural” dos pobres do Continente, fruto de “uma síntese entre as culturas e a fé cristã” (DAp 264).

Na atualidade é vivenciada uma religiosidade popular individualista, subjetivista e pentecostal, que aparece também nas novas

tecnologias, porque a religião do povo se cria e se recria. Inclu- sive há uma religiosidade vivida popularmente de modo *online*, em que o fiel se conecta com o sagrado mediado pela *Internet*: a religião praticada nos ambientes digitais aponta para uma mudan- ça na experiência religiosa do fiel e da manifestação do religioso (SBARDELOTTO, 2012). São inúmeros os sites que disponibili- zam altares virtuais, velas virtuais, terços virtuais, Bíblias virtuais, novenas virtuais, além de vídeos com celebrações litúrgicas, homi- lias, músicas religiosas, intenções de missa, entre outras práticas. Enfim, “a piedade popular contém e expressa um intenso sentido da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teologal” (DAp 263).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente alguns setores eclesiais falam com saudade do passado, com descrença nas linhas pastorais de Puebla, parece que a esperança num mundo melhor deu lugar a retrotopia como busca de um passado tridentino, que aparenta dar uma perspec- tiva de futuro, ainda que ilusória. A nostalgia se transformou em mecanismo de defesa, tentando a retomada dos planos conser- vadores, ressuscitando-os e reabilitando-os (BAUMAN, 2017). Embora exista o aforismo conservador de setores da sociedade e da Igreja, podemos ratificar e confirmar que o caminho traçado por Puebla é muito válido e atual, como a opção pelos pobres e pelos jovens, o protagonismo dos leigos, o desenvolvimento dos ministérios não ordenados, a união da fé com a vida vivenciada nas CEBs, a valorização da religiosidade popular, a Igreja como comunhão e participação que faz uma releitura dos conteúdos da teologia a partir da realidade da América Latina, privilegiando a libertação dos pobres e oprimidos.

Em Puebla surge de uma forma clara o despertar para a mis- são universal, que aparece no convite no documento de dar desde a pobreza, sendo o começo de uma longa caminhada rumo a uma progressiva abertura universal. Posteriormente, alguns passos de maneira tímida, foram dados na consciência da missão *ad gentes*,

através dos congressos missionários, avançando na reflexão teológica e no entendimento da missão global e universal *ad intra* e *ad extra*, mas ainda existe um longo caminho a ser percorrido.

O grande passo de Puebla foi reafirmar a missão como opção preferencial pelos pobres marca da Igreja universal. Neste sentido, o Papa Francisco incentiva e deseja uma Igreja pobre para os pobres, que faça a opção preferencial pelos pobres. Eles têm muito para nos ensinar, eles nos evangelizam (EG 198; 199). Certamente, esta opção, significa dar mais tempo aos pobres, atendê-los em suas necessidades, modificar nosso estilo de vida, acompanhá-los buscando, a partir deles, a transformação da realidade social de pobreza.

O catolicismo no Continente aparece como a religião da maioria da população, no sentido que a maioria se declara católico de tradição, embora não-praticante, mas com várias formas de ser vivenciado popularmente. O vínculo estabelecido pelo batismo, não impede que, se experimentem outras práticas e rituais religiosos diferentes. Na atualidade, o católico sente-se à vontade para assistir um culto evangélico, participar de uma cerimônia budista ou de um ritual afro-brasileiro sem constrangimento e, posteriormente, participar de uma missa em sua Igreja. Em setores da sociedade, “cresce o apreço por várias formas de espiritualidade do bem-estar sem comunidade, por uma teologia da prosperidade sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista” (EG 90).

PARA REFLETIR

- Nosso modo de fazer pastoral e missão se enquadra nos parâmetros da opção preferencial pelos pobres? Em que sentido?
- Quais aspectos da religiosidade popular que devemos valorizar mais na nossa ação missionária?
- Francisco quer uma Igreja pobre com os pobres, em que medida é válida para nós esta opção?

NOTAS

1. Os Congressos Missionários Latino-Americanos (COMLAs) foram o ponto de partida para a missão Universal. Iniciados no México (Torreón, 1977, e Tlaxcala, 1983), conheceram uma real dimensão, continental com o terceiro, em Bogotá (Colômbia, 1987) e o quarto, em Lima (Peru, 1991). Continuaram com Belo Horizonte (1995), Paraná (Argentina, 1999) e Cidade de Guatemala (2003). Logo se abriram também aos Estados Unidos e Canadá, mudando o nome foi Congressos Americanos Missionários (CAM). (DONEGANA, 2006, p. 48).

2. O termo “piiedade popular” era o preferido por Paulo VI, ao invés de *religiosidade popular*, porque esta expressão religiosa é rica de valores e suscita atitudes interiores (EN 48). O Documento de Medellín se refere à sua “enorme reserva de virtudes autenticamente cristãs, especialmente no que diz respeito à caridade” (*Medellín* 6,2). Puebla utiliza as três expressões: religião do povo, religiosidade popular e piiedade popular (DP 444; 447; 449; 451).

3. “Esta religiosidade expressa-se também na devoção aos Santos com as suas festas patronais, no amor ao Papa e aos demais Pastores, no amor à Igreja universal como grande família de Deus que nunca pode, nem deve deixar abandonados ou na miséria os seus próprios filhos. Tudo isto forma o grande mosaico da religiosidade popular que é o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina, e que ela deve proteger, promover e, naquilo que for necessário, também purificar” (Bento XVI na sessão inaugural da Conferência de Aparecida, no dia 13 de maio de 2007).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, Leopoldo. Puebla: A Evangelização da Cultura. *Revista Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, ano XII, n. 26, jan-abr. 1980, p. 23-56.

BAUMAN, Zygmunt (2017). *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar 2017.

BENTO XV. Discurso na abertura dos trabalhos da Conferência de Aparecida. Aparecida 13 de Maio de 2007. Disponível em: <<http://www.presbiteros.com.br/papa/DiscursoAparecida.htm>>. Acesso: 12 de novembro de 2017.

BEOZZO, José Oscar. *O Vaticano II e Igreja Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOFF, Leonardo. Puebla: ganhos, avanços, questões emergentes. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 39, n. 153, mar. 1979, p. 48.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe. São Paulo: CNBB, Paulinas, Paulinas, 2007.

_____. *Documento de Medellín*. A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Documento de Puebla*. La Evangelización en el presente y en el futuro de América Latina. México: Librería Parroquial, 1986.

COMBLIN, José. Puebla, vinte anos depois. *Revista Perspectiva Teológica*, n. 31, 1999.

DONEGANA, Costanzo. A missão nas Conferências Gerais do CELAM. *Revista Encontros Teológicos. Florianópolis*, v. 45, ano 21, n. 03, p. 45-54. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret>>. Acesso: 31 de maio de 2018.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. A Alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

GORSKI, J. F. *El desarrollo histórico de la Misionología en América Latina*. La Paz: Don Bosco, 1985.

LIBÂNIO, João Batista. Em Torno a Puebla. O Documento Final de Puebla, suas grandes linhas. 1979. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/viewFile/2333/2606>>. Acesso: 30 de maio 2018.

MANZATO, Antônio. As primeiras conferências do CELAM. *Revista Vida Pastoral*. jul./ago. 2006, p. 3-8. Disponível em: <http://www.vida-pastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/as-primeiras-conferencias-do-celam/>. Acesso: 15 de junho de 2018.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas 2006.

SANTOS, Beni dos. Introdução a uma leitura do documento a partir da opção preferencial pelos pobres, 1979. Disponível em: http://www.padrefelix.com.br/doc20_13.htm. Acesso: 20 de maio de 2018.

SILVA, Silvia Regina de Lima. Uma missão descolonizadora de nossas mentes em relação aos afrodescendentes. *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*, ano VI, n. 28, 2010, p. 76-86. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/>>. Acesso: 27 de setembro de 2018.

SBARDELOTTO, Moisés. Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet. *Revista Unisinos*. Ano IX, número 70, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/070cadernosteologiapublica.pdf>>. Acesso: 28 de novembro de 2017.